



¹ Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (2025). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (2022). Atua como Pesquisadora sobre violência sexual na infância e o impacto na vida adulta da mulher e como Psicoterapeuta de família, casais e indivíduos, orientação parental e familiar.

² Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós- Graduação em Psicologia Clínica (PUC-SP) e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em diferentes contextos (PUC-SP).

³ *Self* é o núcleo da identidade pessoal, compreendendo os aspectos emocionais, cognitivos, relacionais e sociais que formam a noção de “eu” ao longo do tempo.

RELAÇÕES ENTRE MÃES E FILHAS EM CONTEXTO DE VIOLENCIA DOMÉSTICA: O IMPACTO NA DIFERENCIACÃO DO *SELF*

RELACIONES ENTRE MADRES E HIJAS EN CONTEXTO DE VIOLENCIA DOMÉSTICA: EL IMPACTO EN LA DIFERENCIACIÓN DEL *SELF*

RELATIONSHIPS BETWEEN MOTHERS AND DAUGHTERS IN THE CONTEXT OF DOMESTIC VIOLENCE: THE IMPACT ON THE SELF-DIFFERENTIATION

Luciana FERREIRA ¹

luciana@lfpstico.com.br



Ida Kublikowski ²



idakublikowski@pucsp.br

Como referenciar este artigo:

Ferreira, L., & Kublikowski, I. (2025). Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica: o impacto na diferenciação do *self*. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 26, e025015. DOI: 10.30715/doxa.v26i00.20166

Submetido em: 06/06/2025

Revisões requeridas em: 28/07/2025

Aprovado em: 09/09/2025

Publicado em: 17/09/2025

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo analisar, sob a perspectiva das filhas, as relações conflituosas com suas mães em contextos de violência doméstica, com ênfase no processo de diferenciação do *self*³. Fundamentado na epistemologia sistêmica, o estudo adotou uma abordagem qualitativa e um delineamento metodológico baseado em estudo de casos múltiplos. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, genogramas e linhas do tempo como instrumentos de coleta de dados, permitindo uma escuta aprofundada das experiências das participantes. A análise foi conduzida por categorização temática, articulando dados gráficos e narrativos. Os resultados revelaram, em ambos os casos, a presença de violência doméstica de gênero dirigida às mães, cujos efeitos repercutiram em vínculos marcados por fusão, conflito e lealdades disfuncionais, impactando significativamente o processo de diferenciação do *self* das filhas. A pesquisa evidenciou ainda a transmissão transgeracional de padrões relacionais, sugerindo a necessidade de intervenções clínicas que considerem a complexidade dos vínculos familiares e seus legados intergeracionais.

PALAVRAS-CHAVE: Relações familiares. Violência de gênero. Diferenciação do *self*. Intergeracionalidade. Estudo de caso.

RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo analizar, desde la perspectiva de las hijas, las relaciones conflictivas con sus madres en contextos de violencia doméstica, con énfasis en el proceso de diferenciación del self. Fundamentado en la epistemología sistémica, el estudio adoptó un enfoque cualitativo y un diseño metodológico basado en estudio de casos múltiples. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas, genogramas y líneas del tiempo como instrumentos de recolección de datos, lo que permitió una escucha profunda de las experiencias de las participantes. El análisis se realizó a través de categorización temática, articulando datos gráficos y narrativos. Los resultados revelaron, en ambos los casos, la presencia de violencia doméstica de género dirigida a las madres, cuyos efectos repercutieron en vínculos marcados por fusión, conflicto y lealtades disfuncionales, impactando significativamente el proceso de diferenciación del self de las hijas. La investigación también evidenció la transmisión transgeneracional de patrones relationales, sugiriendo la necesidad de intervenciones clínicas que consideren la complejidad de los vínculos familiares y sus legados intergeneracionales.

PALABRAS CLAVE: Relaciones familiares. Violencia de género. Diferenciación del self. Intergeneracionalidad. Estudio de caso.

ABSTRACT: This study aimed to analyze, from the daughters' perspective, conflicting relationships with their mothers in the context of domestic violence, with emphasis on the process of self-differentiation. Grounded in systemic epistemology, the research adopted a qualitative approach and a methodological design based on multiple case studies. Data were collected using semi-structured interviews, genograms, and timelines, allowing for an in-depth understanding of the participants' experiences. Thematic categorization guided the analysis, integrating narrative and visual data. In both cases, results revealed the presence of gender-based domestic violence directed at the mothers, which unfolded into relationships marked by emotional fusion, conflict, and dysfunctional loyalties, significantly impacting the daughters' process of self-differentiation. The study also identified the transgenerational transmission of relational patterns, highlighting the need for clinical interventions that address the complexity of family bonds and their intergenerational legacies.

KEYWORDS: Family relationships. Gender-based violence. Self-differentiation. Intergenerationality. Case study.

Artigo submetido ao sistema de similaridade

✓ iThenticate®

Editor: Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

INTRODUÇÃO

A partir de nossa experiência clínica, identificamos o quanto é desafiador escutar, compreender e intervir em histórias marcadas por violência intrafamiliar, especialmente quando esta compromete diretamente o vínculo entre mães e filhas. Ser terapeuta e, simultaneamente, pesquisadora nesse campo exige enfrentar narrativas atravessadas por culpas silenciosas, lealdades invisíveis e vínculos profundamente ambivalentes, cujos efeitos reverberam na constituição psíquica de mulheres ao longo de gerações.

Observamos que, em muitos desses contextos, a violência doméstica, geralmente dirigida contra a mulher-mãe, gera desdobramentos significativos na relação com as filhas, dificultando o processo de diferenciação do *self* e reforçando padrões de dependência emocional e fusionamento afetivo. Famílias com fronteiras difusas tendem a repetir expectativas rígidas e papéis prescritos, afetando diretamente a construção da autonomia e da identidade feminina.

A pesquisa surgiu da necessidade de compreender, com profundidade, esse fenômeno, articulando a escuta clínica à investigação teórica. No entanto, a revisão bibliográfica revelou importantes desafios, especialmente a escassez de estudos empíricos que enfoquem a violência doméstica a partir da ótica relacional entre mãe e filha, considerando o impacto multigeracional dessas vivências. A literatura sobre diferenciação do *self*, violência de gênero e vínculos intergeracionais oferece bases relevantes, mas pouco se debruça sobre as consequências subjetivas dessa relação específica, marcada pela violência.

Metodologicamente, utilizamos uma abordagem qualitativa, com base no pensamento sistêmico novo paradigmático de Vasconcellos (2018), e conduzimos estudos de casos múltiplos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, genogramas e linhas do tempo. A análise temática revelou categorias como: baixa autoestima, identificada na impossibilidade de diferenciação do *self*; processo de identificação fusionada pelo conflito com a mãe; conflito na relação mãe-filha; violência doméstica; e abuso emocional/psicológico parental em relação às filhas.

A exposição dessas dinâmicas, especialmente por meio dos instrumentos gráficos e narrativos, impôs também um desafio emocional e ético à pesquisadora, que precisou acolher, com escuta clínica e distanciamento analítico, conteúdos muitas vezes marcados por dor, exclusão e silenciamento familiar, sem perder de vista o desafio científico.

Os resultados oferecem contribuições importantes para profissionais da saúde mental e da assistência social, ao ampliar a compreensão dos efeitos da violência doméstica sobre o vínculo materno-filial e seus desdobramentos na vida adulta das filhas. Também apontam caminhos possíveis para intervenções terapêuticas mais sensíveis às complexidades multigeracionais, contribuindo com famílias que buscam romper ciclos de sofrimento e construir relações mais saudáveis.

A Relação em Conflito, a Violência e o Impacto na Diferenciação do Self

Algumas famílias estruturam-se com fronteiras difusas, resultando em um emaranhado familiar, no qual os papéis e atribuições se sobrepõem e comprometem a individualidade de seus membros. Esse fenômeno pode impactar diretamente o processo de diferenciação do *self*, de acordo com Bowen (1993), sobretudo dos filhos, dificultando a construção de autonomia e identidade (Neumann et al., 2023). Para delimitação conceitual, utilizamos o termo violência doméstica, conforme Serpeloni et al. (2023), que identificam sua prevalência no contexto da violência de gênero e da violência contra a mulher. Ao analisarmos as complexidades dessas relações, recorremos a Nagy e Spark (2017) e a Alves-Silva e Scorsolini-Comin (2022), que abordam o conceito de lealdades invisíveis no âmbito das relações multigeracionais¹ e as transmissões geracionais de valores, crenças, comportamentos e legados. Esses autores propõem a metáfora de um “livro de créditos e débitos”, no qual expectativas sistematizadas dentro da família geram compromissos tácitos que, muitas vezes, resultam em conflitos relacionais e dificuldades na diferenciação dos indivíduos.

A literatura reforça a associação entre relações conflituosas entre mães e filhas e o desenvolvimento da identidade das filhas, particularmente no que se refere à diferenciação do *self*. Fiorini et al. (2018) e Andrade et al. (2024) apontam que a transição para a fase adulta exige uma reorganização das dinâmicas familiares, na qual o controle parental deve dar lugar ao apoio. No entanto, em famílias com fronteiras difusas, os filhos frequentemente permanecem em posições de dependência prolongada. Esse fenômeno é corroborado por Reis e Rabinovich (2006), que destacam a necessidade das filhas de se diferenciarem das trajetórias maternas, sobretudo quando estas são percebidas como negativas. Esse processo pode gerar conflitos e impactos emocionais significativos, uma vez que a história da mãe tende a exercer um peso definitivo na identidade das filhas.

Dornelas e Garcia (2006) ressaltam que o relacionamento entre mães e filhas adultas se dá por um movimento dialético, caracterizado por aproximações e afastamentos, busca por diferenciação e reconhecimento de similaridades. Esse processo influencia diretamente a construção da identidade feminina. A diferenciação do *self* envolve a construção da singularidade e o direito de expressar opiniões e convicções, independentemente dos valores da família de origem (Neumann et al., 2023). Entretanto, quando a relação mãe-filha apresenta fusionamento emocional — aqui entendido como uma condição em que os limites entre os membros da família tornam-se indistintos, dificultando a diferenciação do *self* — pode-se estabelecer um vínculo de dependência afetiva ou de conflagração, que compromete a autonomia da filha.

¹ Multigeracional refere-se à análise de padrões e vínculos familiares transmitidos ao longo de três ou mais gerações, evidenciando influências intergeracionais sobre os relacionamentos atuais.

Pesquisas sobre a transição para a vida adulta demonstram que o emaranhamento familiar pode dificultar a construção de um projeto de vida independente. Pais frequentemente vivenciam angústia quando seus filhos ingressam na fase adulta, apresentando dificuldades para lidar com essa nova configuração familiar. Esse emaranhamento pode resultar no prolongamento da dependência emocional e material, afastando o jovem adulto de seus próprios interesses e dificultando sua autonomia (Correia & Mota, 2016).

Estudos indicam que fatores como conflitos parentais, suporte social e padrões de vinculação influenciam significativamente o desenvolvimento da individualidade dos filhos. Conflitos conjugais impactam diretamente o processo de desenvolvimento dos jovens, ao passo que a segurança dos pais na relação conjugal é considerada fundamental para a construção de uma estrutura emocional saudável, influenciando futuras vinculações afetivas. Em um estudo com 432 jovens adultos em Portugal, observou-se que a ausência de relações afetivas seguras e a presença de conflitos conjugais estavam associadas a riscos significativos para a saúde mental dos filhos, incluindo dificuldades emocionais e prejuízos no ajustamento psicológico (Mello et al., 2020).

De uma perspectiva sistêmica, Vasconcelos (2018) comprehende que a qualidade da comunicação entre mãe e filha é um fator determinante no estabelecimento de relações saudáveis ou disfuncionais. Watzlawick et al. (2007) destacam que padrões de comunicação ambíguos ou disfuncionais podem gerar perturbações relacionais, reforçando padrões de conflito e dificultando a diferenciação do *self*. A comunicação deficiente, associada a lealdades familiares não resolvidas, pode estabelecer ciclos disfuncionais multigeracionais, nos quais padrões de relação são transmitidos de uma geração a outra.

A literatura aponta que a exposição à violência doméstica contra a mulher impacta negativamente o desenvolvimento dos filhos, gerando transtornos emocionais e dificuldades na aprendizagem (Alves & Prado, 2020; Sousa et al., 2024). Estudos indicam que crianças expostas a esse ambiente podem apresentar padrões de repetição multigeracional, reproduzindo comportamentos violentos ou estabelecendo vínculos de submissão em relações futuras (Silva et al., 2021).

A violência psicológica doméstica, popularmente chamada de tortura psicológica, é um fenômeno de difícil detecção, caracterizado por humilhação, rejeição, depreciação e desrespeito. Essa forma de violência deixa marcas profundas nas pessoas, comprometendo a autoconfiança e aumentando sua vulnerabilidade psicológica (Souza & Bernardes, 2023). Durante a pandemia de covid-19, esse fenômeno se intensificou, uma vez que o isolamento social forçou muitas mulheres a permanecerem em convívio contínuo com seus agressores (Dulius et al., 2021).

Diante desse contexto e dos desafios que nos são impostos, a presente pesquisa, ancorada no pensamento sistêmico, tem como objetivo analisar, sob a perspectiva das filhas, as relações conflituosas com suas mães, investigando o impacto desse vínculo na diferenciação

do *self* em cenários de violência doméstica. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para o aprimoramento de estratégias clínicas e interventivas que promovam o fortalecimento da autonomia e o desenvolvimento emocional saudável das mulheres envolvidas nessas relações.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi fundamentada na epistemologia do Pensamento Sistêmico, um paradigma que se distancia das explicações lineares e reducionistas, ao compreender os fenômenos humanos como processos interativos, circulares e inseridos em contextos relacionais amplos (Vasconcellos, 2018). Nessa perspectiva, o sujeito é visto como um ser constituído nas relações, e o sofrimento psíquico é entendido como expressão de desequilíbrios nas dinâmicas vinculares, especialmente dentro do sistema familiar. Essa epistemologia sustenta a importância de investigar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências, respeitando a complexidade, historicidade e singularidade de cada trajetória.

Com base nesses fundamentos, adotou-se uma abordagem qualitativa, cuja ênfase está na compreensão profunda dos sentidos construídos pelas participantes a respeito de suas relações familiares, com foco no processo de diferenciação do *self* (Denzin & Lincoln, 2006). Essa abordagem mostrou-se coerente com os objetivos do estudo, ao permitir acessar nuances subjetivas e dinâmicas afetivas que não seriam captadas por métodos quantitativos.

Instrumentos: optamos pelo Estudo de Casos Múltiplos, conforme delineado por Yin (2016), por possibilitar uma análise detalhada e comparativa de fenômenos complexos em seus contextos reais. Os casos foram definidos a partir de demandas que emergiram da prática clínica da pesquisadora e foram tratados como instrumentais, de acordo com Stake (2006), ou seja, escolhidos não apenas por seu valor intrínseco, mas por contribuírem para o aprofundamento teórico de um fenômeno específico. A coleta de dados envolveu a aplicação integrada de três técnicas:

- Entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram o acesso ao discurso subjetivo das participantes, permitindo que expressassem livremente suas percepções, sentimentos e memórias em relação às suas mães e ao ambiente familiar. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise temática;
- Genogramas, ferramenta gráfica utilizada para representar a estrutura familiar e os vínculos relacionais ao longo de, no mínimo, três gerações. Foram construídos em conjunto com as participantes durante os encontros, com o objetivo de mapear padrões multi-geracionais, identificar alianças, rupturas, triangulações e outros elementos relevantes

da organização familiar. Essa técnica foi essencial para visualizar a estrutura do sistema familiar e acessar conteúdos que não emergem facilmente na narrativa verbal;

- Linha do tempo, utilizada como recurso visual e narrativo para organizar os eventos significativos da história de vida das participantes em ordem cronológica, favorecendo a construção de sentido sobre as experiências vividas e seus impactos ao longo do desenvolvimento.

A utilização combinada dessas três técnicas possibilitou múltiplos níveis de leitura: afetivo, estrutural e temporal. Cada instrumento foi escolhido com base em sua capacidade de acessar dimensões complementares da experiência e de ampliar a profundidade da análise. Os dados foram analisados a partir da categorização temática, respeitando a singularidade de cada caso e buscando identificar padrões relacionais recorrentes.

Conforme proposto por D'Allones et al. (2004), o Estudo de Caso requer a articulação de múltiplas fontes de informação para apreender a lógica interna de uma trajetória de vida, considerando sua complexidade e múltiplos níveis de significado. Nesse mesmo sentido, Kublikowski (2018) destaca que o estudo de caso em Psicologia Clínica não apenas revela aspectos do fenômeno investigado, mas também permite ao pesquisador refletir criticamente sobre seu posicionamento teórico, ético e subjetivo ao longo do processo investigativo.

Assim, o delineamento metodológico adotado nesta pesquisa mostrou-se coerente com a proposta investigativa e com o referencial sistêmico, possibilitando uma escuta aprofundada das experiências das participantes e contribuindo para a compreensão das dinâmicas familiares que atravessam o processo de diferenciação do *self* em contextos de violência.

Participantes: foram entrevistadas duas mulheres: Geovana (28 anos, solteira, hétero, cisgênero, sem filhos, residindo com os pais) e Danielle (38 anos, mãe de um filho de nove anos, hétero, cisgênero, também residindo com os pais). Ambas são fisioterapeutas, com renda aproximada de cinco salários-mínimos, pertencentes às camadas médias urbanas.

Procedimento: a pesquisa seguiu as diretrizes das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 16/06/2021 (Parecer n.º 4.981.336).

Análise de dados: seguindo as fases de compilação, decomposição, recomposição e interpretação (Yin, 2016), identificaram-se cinco categorias principais: baixa autoestima, processo de identificação fusionado pelo conflito, conflito na relação mãe-filha, violência doméstica e abuso emocional/psicológico parental em relação às filhas.

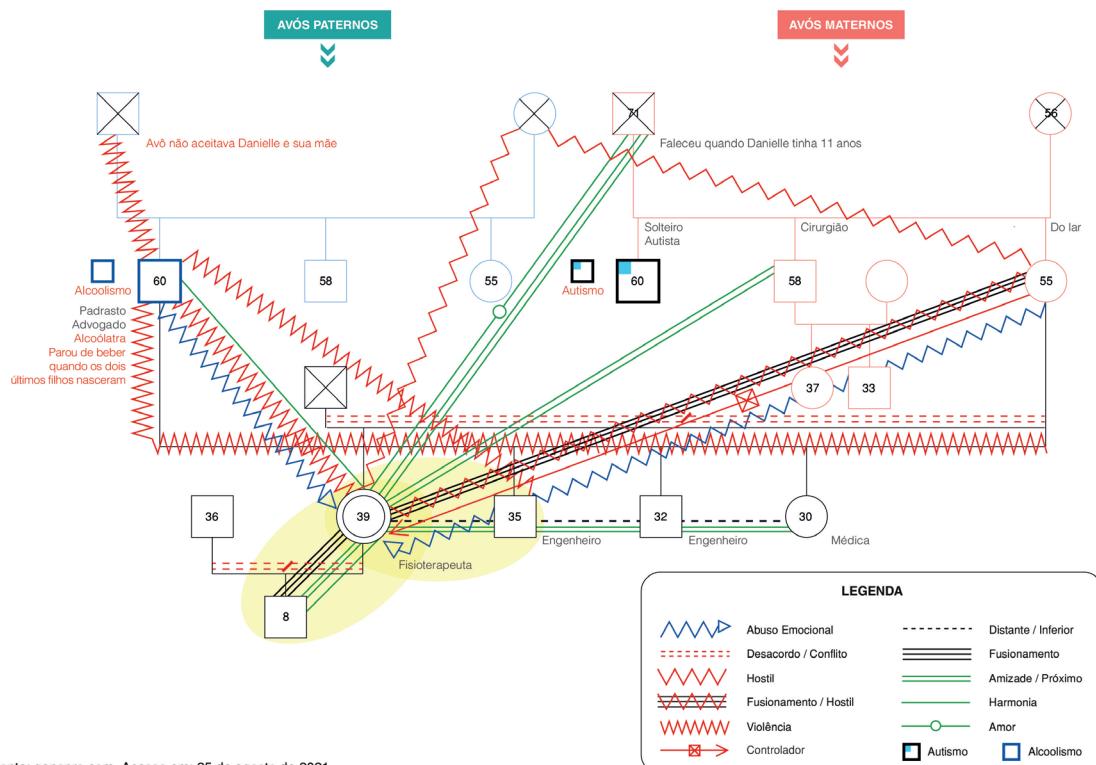
A análise dos resultados obtidos, de acordo com Yin (2016), permitiu constatar a compreensão que as participantes têm de si por meio dos significados que atribuem às suas relações familiares, significados estes que se constituem em redes relacionais que incluem o pesquisador.

RESULTADOS

A análise dos genogramas das duas participantes foi conduzida com base na proposta de Cerveny (2019), cujo modelo permite mapear a estrutura e a dinâmica familiar em uma perspectiva multigeracional, evidenciando padrões relacionais repetitivos, vínculos conflituosos, fronteiras difusas e alianças intergeracionais. Durante a leitura técnica das imagens, considerou-se a posição dos membros na rede familiar, os vínculos simbólicos e reais, bem como a qualidade das relações expressas (hostilidade, fusão, distanciamento etc.). Essa leitura foi articulada com o conteúdo das entrevistas, o que possibilitou a identificação de cinco categorias temáticas centrais, conforme já evidenciadas acima.

Essas categorias serão discutidas na seção seguinte à luz da literatura sistêmica e da teoria da diferenciação do self (Bowen, 1993). A seguir, são apresentados os genogramas que subsidiaram a análise.

Figura 1. Genograma de Danielle



Nota. Elaborada pelas autoras.

O genograma de Danielle evidencia uma rede familiar complexa, marcada por hostilidade, violência, abuso emocional, vínculos fusionados e alcoolismo, configurando um quadro de transmissão multigeracional de padrões relacionais disfuncionais.

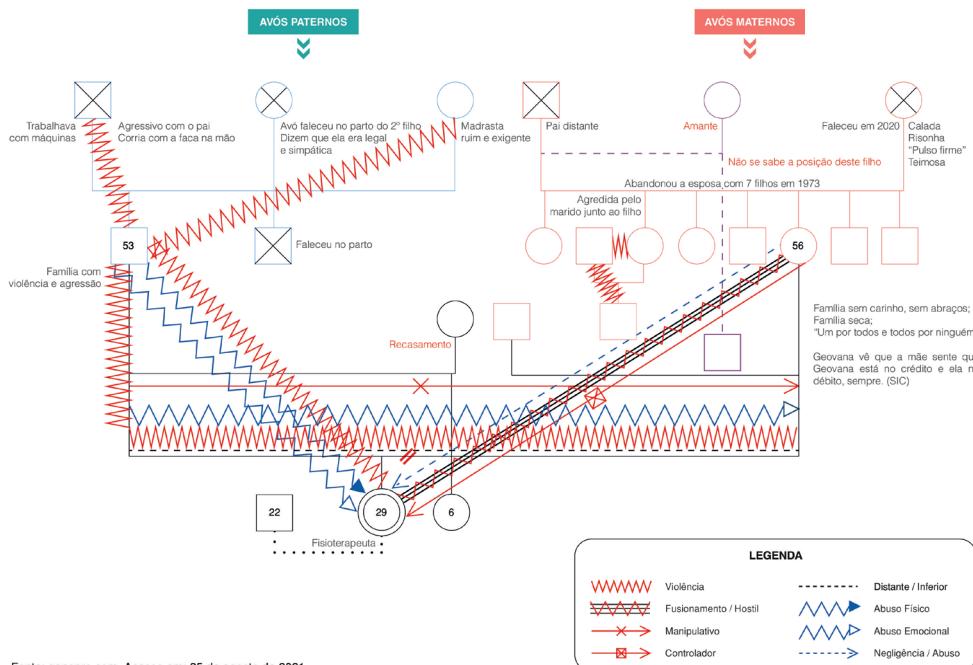
Na linhagem paterna, destaca-se a figura do padrasto, representado como alcoólatra, controlador e hostil, com histórico de consumo problemático de álcool, inclusive durante os nascimentos dos filhos mais novos. A avó paterna rejeitava explicitamente Danielle e sua mãe, reforçando uma atmosfera de desqualificação e exclusão. As relações familiares nessa linha são dominadas por símbolos de violência, abuso emocional e vínculos hostis, revelando um ambiente agressivo e sem suporte afetivo.

Do lado materno, observa-se uma estrutura relacional mais ambígua: embora existam vínculos de proximidade e amor, eles coexistem com relações fusionadas e hostis entre mulheres da mesma geração (mãe, tias). A mãe de Danielle aparece envolta em múltiplos vínculos intensos, marcados por conflito e fusão emocional. A perda precoce da avó materna, quando a mãe tinha 11 anos, pode ter afetado o desenvolvimento afetivo e contribuído para a construção de lealdades invisíveis entre mãe e filha, dificultando a diferenciação entre gerações.

A própria Danielle (39 anos) está inserida em um cenário de densa sobreposição emocional, com vínculos conflituosos tanto com a mãe quanto com o padrasto, nos quais aparecem simultaneamente elementos de proximidade, hostilidade e controle. O filho de Danielle (8 anos) também já se insere na rede com linhas de tensão e fusão, o que sugere repetição de padrões vinculares disfuncionais na geração seguinte.

Em termos sistêmicos, o genograma mostra: fronteiras difusas e emaranhamento emocional; multiplicidade de relações com características ambivalentes (amor/hostilidade); repetição de padrões de violência e exclusão; fusão mãe-filha com dificuldade de diferenciação do *self* (Bowen, 1993). A leitura da configuração familiar de Danielle permite inferir riscos à autonomia emocional e à construção identitária, não apenas para ela, mas também para a filha, que já se encontra exposta aos legados familiares não elaborados. Esse padrão destaca a importância de intervenções clínicas que abordem os vínculos transgeracionais e favoreçam processos de separação psíquica saudável, especialmente entre mães e filhas.

Figura 2. Genograma de Giovanna



Nota. Elaborada pelas autoras.

O genograma de Giovanna (28 anos) revela uma configuração familiar atravessada por padrões transgeracionais de violência, negligência afetiva, abuso emocional e vínculos fusionados e hostis, com destaque para a fragilidade dos laços de cuidado nas duas linhagens parentais.

Na linhagem paterna, observa-se um histórico de violência explícita e agressividade intergeracional. O avô paterno é descrito como violento e ameaçador, e a família é marcada por episódios de abuso físico e emocional. O pai de Giovanna aparece como uma figura emocionalmente ausente, envolvido em um relacionamento extraconjugal e com histórico de abandono da família de origem e prática de violência física, o que evidencia ruptura de alianças e negligência parental. A presença de uma madrasta com características rígidas e exigentes reforça um ambiente familiar instável.

Na linhagem materna, embora não haja registros de violência explícita, os relatos revelam uma família com carência afetiva profunda, descrita como "seca" e sem demonstrações de afeto. A mãe de Giovanna (56) é percebida pela filha como alguém que ocupa o lugar de "crédito constante", enquanto a filha estaria "no débito", o que sugere dinâmicas de lealdade invisível, controle relacional e dívida emocional. Essa percepção reforça vínculos desequilibrados, com dificuldades na autonomia e na individualização da filha.

A relação atual entre Giovanna (28) e sua mãe (56) é marcada por fusionamento emocional, manipulação e controle, conforme indicam os traços simbólicos no genograma. Há evidências de negligência emocional, hostilidade e pouca diferenciação entre os papéis geracionais. A

repetição de padrões de sofrimento e a ausência de vínculos seguros dificultam a constituição da identidade de Giovanna e comprometem seu processo de diferenciação do *self*.

DISCUSSÃO

A primeira categoria foi denominada de baixa autoestima, identificada na impossibilidade de diferenciação do *self*. Bowen (1993) afirma que, quando os indivíduos não conseguem transitar em suas relações de forma harmônica, como um si mesmo definido, tendem a diluir-se nas relações de forma emocional intensa (fusionamento). Pôde-se perceber, na relação mãe-filha, que conflagrações nas relações familiares, fronteiras difusas e emaranhamentos entre os membros do sistema familiar têm forte impacto na saúde emocional dos filhos jovens (Mello et al., 2020).

Viu-se nestas narrativas, especialmente em Danielle, existências pautadas em uma auto-percepção marcada pela baixa autoestima, crise identitária, não certificação de suas potencialidades e possibilidades, bem como um caminho trilhado com sofrimento, conflitos relacionais nas mais diversas esferas e busca por pertencimento e reconhecimento por parte de suas mães.

logo em seguida que eu saí da escola, que eu tava no S. e acabou meu curso, o S. me chamou para ser professora de curso técnico e aí eu neguei. Falei: ‘não!’. Eu não tinha bagagem nenhuma para um curso de massoterapia. Eu era aluna, como é que eu ia passar a professora? (Danielle).

Desta época até os trinta e pouco, foi bem difícil, então, foi o que eu falei, eu tava imensa de gorda, com uma obesidade mórbida, sem emprego, separada, com filho pequeno, voltei a morar na casa dos meus pais, uma dívida imensa nas costas para carregar, ouvindo minha mãe falar que eu era um fracasso, que eu era uma decepção, entendeu? (choro). Vendo meus irmãos (pausa para choro), são três irmãos e os três fluindo, se dando bem e eu só andando para trás (choro). Então assim, quando eu encontrava em casa todo mundo conversando, conversando, eu fui me fechando, entendeu? (Danielle).

Na segunda categoria, ressaltou-se o processo de identificação fusionada pelo conflito com a mãe. Bowen (1993) afirma que as questões que comprometem a saúde do ambiente e o funcionamento familiar podem estar localizadas na alta reatividade emocional de cada membro e de todos, assim como na baixa diferenciação do grupo, o que deságua no processo de triangulação pelo conflito nas relações.

Pessoas fusionadas pelo conflito se interrelacionam por meio do conflito e prendem-se às relações, com impacto na diferenciação do *self* de ambas. Outro processo que sustenta

a fusão pelo conflito nessa relação dá-se pela lealdade invisível. De acordo com Nagy e Spark (2017), pode-se constatar expectativas entre mãe e filha que se encerram em um compromisso emocional, principalmente das filhas para com suas mães. Esse é um processo de transgeracionalidade, que torna as relações conflituosas, mantidas por padrões recursivos que se autoperpetuam, ilustrado nas falas abaixo:

Eu não esqueço uma vez que ela tava muito ruim, gripe, sei lá o que era, nem lembro do que ela tava doente. E aí, eu fiz uma sopa, porque ela não tava conseguindo comer direito. Daí, eu fiz uma sopa bem nutritiva, levei pra ela a sopa, ela olhou e falou assim: “O que que é isso?”. Aí, eu falei: “Eu fiz uma sopinha bem nutritiva para você comer, tem um arrozinho, com um não sei o que”. Ela encostou na comida? Não! Depois desceu e comeu um pão com manteiga. (Danielle).

Acho que a melhor coisa foi quando eu li alguma coisa sobre síndrome do pânico. Com 14 anos eu vi que eu tenho isso, nossa que alívio, que isso que eu tenho, outras pessoas têm. Enfim, aí na época minha mãe se machucou e isso foi até bom porque eu comecei a ficar mais com ela, eu era bem dependente dela, ficar longe dela eu não conseguia, ficar longe... ela era meu porto seguro sabe? Ficavaaaa (pausa), enfim.... e aí foi bom que ela se machucou porque eu consegui ficar mais tempo com ela. (Geovanna).

A terceira categoria trata do conflito na relação mãe-filha, produzido por meio da comunicação entre ambas, permeada pela violência psicológica e doméstica intrafamiliar.

Nunca, nunca, eu pude conversar com a minha mãe. Então, escuto: “conversa com a sua mãe, explica, se abre”. Não existe a possibilidade de conversa com ela, porque na hora que você vai tentar conversar, ela vira uma chavinha que ela começa a surtar, ela começa a gritar, ela se bate, ela quebra as coisas. Não existe conversar com a minha mãe. Ela leva tudo para o pessoal, ela acha que você tá julgando, você tá criticando, que você tá reclamando, então, não existe! (Danielle).

Então a partir dos 16 anos, dos 17, eu comecei a ficar com muita mágoa dela, muita tristeza por ver que ela permitia tudo isso. (Sobre as agressões do pai para com a filha). ... de brigar comigo porque tem algo fora do lugar ou que eu não limpo alguma coisa, sendo é uma condição de todo mundo na casa. (Geovanna)

Tais conflitos entre mães e filhas traduzem-se em questões que apontam dificuldades na diferenciação do *self* (Ferreira, 2022). Dornelas e Garcia (2006) apresentam que a relação mãe-filha é produtora da identidade feminina para ambas. A filha se espelha na mãe,

enquanto a genitora pode projetar na filha seus sentimentos e necessidades não realizadas, culminando em dificuldades emocionais, o que compromete a diferenciação do *self* de ambas.

Considerando o cenário de violência entre mães, filhas e pais, os estudos sobre violência doméstica apontam para o comprometimento da comunicação e da saúde emocional dos membros emaranhados nesse tipo de relação, tornando-a permeada por distúrbios emocionais e possibilitando relações agressivas co-construídas e retroalimentadas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024; Silva & Souza, 2023; Souza & Bernardes, 2023).

Na quarta categoria, emergiu a violência doméstica (Lei n.º 11.340, 2006), caracterizada como um comportamento de agressividade mantido em forma de padrão, com o exercício da coerção direta ou indireta sobre os membros que coabitam.

E aí, ele era muito agressivo, ele batia nela, batia na gente, então ela não tinha muito tempo para mim, neste sentido assim, sabe? ... E eu não me conformava como que minha mãe não separava dele. Eu falava: "Você tem que separar, vamos embora? Vamo embora?" E ela não ia embora, porque tinha aquela coisa da dependência financeira, os outros irmãos e tudo o mais, enfim, então tudo isso, foi bem complicado. (Danielle). Minha mãe sempre tentou resgatar o relacionamento, minha mãe sempre teve medo. Na época que a gente tava na Argentina ainda, minha mãe sempre teve muito medo do meu pai fazer alguma coisa comigo, fugir comigo e também tinha uma coisa que ela também falava que não podia se separar porque se não, eu ia ficar ou com ele, ou com minha mãe e que ela não podia sair do país comigo, porque meu pai não ia deixar ela sair do país. Então, que ela foi meio que arrastando esta situação, de uma forma bem tensa a ponto do meu pai deixar a gente prá fora do apartamento por horas, porque ele ficava bravo quebrando as coisas e ele deixava a gente pra fora e ela passava por tudo isso. (Geovanna)

Os estudos sobre violência doméstica concluem que a violência compromete a compreensão das vítimas, levando ao desenvolvimento de sintomas mentais, isolamento e podendo culminar em um processo de renitência apática, o que se consuma numa adaptação à situação de violência e numa adequação à conduta do perpetrador (Barroso Filho, 2008). Crianças, adolescentes e jovens que vivem em conjunto com suas mães a violência doméstica de gênero tendem a desenvolver os mesmos sintomas da vítima principal (Alves & Prado, 2020), bem como quando são elas também vítimas diretas da agressão, como nesta pesquisa, especialmente no caso de Geovana, que era o alvo principal das agressões físicas cometidas pelo seu pai.

Fatores que mantêm mãe e filha em relações de violência e apontam para o ciclo da violência doméstica, constatados nesta pesquisa, são: medo, manutenção do casamento,

expectativas sobre a mudança de atitude do perpetrador, dependência financeira, falta de rede de apoio, pequenos momentos de felicidade, que podem sustentar a amenização da situação de violência (Brasil, 2006; Magalhães et al., 2020; Walker, 2012).

Um importante achado nesta pesquisa encontra ressonância em estudos que abordam a violência na família e destacam a transmissão geracional da violência (Santos & Moré, 2011). Constatou-se que os perpetradores da violência, nas duas famílias, foram vítimas de seus pais violentos e hostis, e entende-se que desdobraram multigeracionalmente as agressões vividas e, por que não afirmar, aprendidas?

A quinta categoria identificada é o abuso emocional/psicológico parental em relação às filhas.

A definição de abuso emocional é tida como atos de omissão e autoritarismo perpetrados pelos pais ou pessoas significativas para o indivíduo abusado e são considerados prejudiciais, considerando o conjunto de valores de uma comunidade ou a avaliação de um profissional especialista no tema. Esses atos são praticados por uma pessoa em posição de poder, o que coloca a criança ou o indivíduo em situação de vulnerabilidade (Poalacín-Iza & Bermúdez, 2023).

Considerando a permeabilidade da violência intrafamiliar², nestes casos perpetrada pelos pais, observa-se em Martins et al. (2007) que, para os filhos implicados em processos de violência doméstica, é possível identificar uma violência com características de abuso do poder disciplinador, objetificando os filhos nessa relação.

Quanto ao abuso emocional dos pais/padrasto, nesta categoria identificamos:

Aí, comecei a comer e meu pai me falava que eu era...hoje... eu vejo as fotos e falo: "Caraca, eu não era gorda!" e meu pai me chamava de gorda. Uma vez ele brigou comigo, porque eu tava comendo uma uva. Aí de novo, comecei a fazer escondido, porque daí eu não podia comer, porque se eu comesse, eles me criticavam porque eu tava comendo. (Danielle).

E aí a relação com meu pai sempre muito perturbadora, ele não aceitava que eu tinha síndrome do pânico, jogava meus remédios fora. (Geovanna).
que ele me ameaçava de morte, que era prá eu dormir com um olho aberto e outro fechado e eu mostrava pra ela isso e ela num...num...falava nada, fazia nada. (Geovanna).

Quanto ao abuso emocional das mães:

Então assim, eu tô tentando me reerguer, eu tô tentando me desvincilar disso, me ver de fora destas situações, porque isso acaba comigo num grau, que eu me entrego, de

² *Violência intrafamiliar* é a agressão física, psicológica ou negligência praticada entre membros da mesma família, geralmente marcada por relações de poder e convivência.

tipo, de não querer fazer mais nada por mim, de não ser eu mais, sabe? Já pensei em tirar minha vida! ... no dia que ela falou que eu era uma decepção, que eu era a filha que não deu certo... Eu falava: "Cara, presto prá que?" Pra minha mãe eu sou uma decepção, os meus irmãos, com certeza me olham e falam coitadinha da Dani, né? É a que não deu certo! (Danielle).

E mesmo assim, ela vendo tudo o que ele fazia prá mim de ruim, ela sempre falava que eu gostava mais do meu pai. Eu nunca entendi isso! Que quando eu tentava criar um afeto com meu pai, ela não achava bom, não gostava. Ela ficava com ciúmes, ou achava... Ela sempre achou que eu ia querer ir pra Argentina com ele. (Nesta fase, já estavam morando no Brasil). Então depois não era nem porque ele queria, depois ela começou a pensar que eu queria ir embora com ele pra Argentina. Eu nunca entendi isso, se ela viu que eu sofria tanto, por que que eu ia querer ir embora com alguém assim? (Geovanna).

Brodski (2010), em sua pesquisa sobre relações de autoestima e abuso emocional parental, pontua que esse tipo de abuso funciona como um padrão repetitivo na relação do cuidador com a criança, comunicando que ela não é importante, é deficitária, indigna de amor, indesejada e está em perigo, sendo valorizada apenas quando atende às necessidades do outro. A autora demonstra que o abuso emocional marca profundamente o indivíduo e que esse sofrimento pode acompanhá-lo por toda a vida adulta, podendo evoluir para transtornos psicopatológicos, transtornos alimentares, desequilíbrios sexuais, dependência química, problemas cognitivos, de memória, assim como sintomatologias de Estresse Pós-traumático (Valdanha-Ornelas et al., 2021;Van der Kolk, 2020). A família é um espaço disciplinador, mas quando há exercício inadequado do poder, configura-se uma situação de abuso emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que este estudo de casos múltiplos tenha cumprido sua vocação investigativa ao lançar luz, a partir de sistemas familiares singulares, sobre dinâmicas complexas e recorrentes nas relações entre mães e filhas em contextos de violência doméstica. A perspectiva sistêmica proposta foi enriquecida pela escuta clínica das participantes, evidenciando como padrões comunicacionais disfuncionais, enraizados em lealdades familiares intergeracionais³, perpetuam vínculos marcados por fusionamento, triangulação e abuso emocional, comprometendo o processo de diferenciação do *self* ao longo das gerações.

³ Intergeracionalidade: foca na troca direta entre gerações conviventes (pais e filhos, por exemplo).

A análise revelou que os conflitos na relação mãe-filha, longe de serem isolados ou circunstanciais, resultam de processos recursivos. A ausência de diferenciação tanto nas mães quanto nas filhas instaura dinâmicas circulares, nas quais o controle parental, a negligência afetiva e a desregulação emocional assumem contornos de violência psicológica e simbólica. Esses padrões, por vezes invisíveis à observação cotidiana, são trazidos à tona por meio de instrumentos clínicos, como o genograma e a linha do tempo, que expõem as camadas ocultas do sofrimento relacional.

Embora o foco desta pesquisa tenha se concentrado em fatores subjetivos e vinculares, as narrativas analisadas permitem compreender a íntima articulação entre gênero, cultura e geração na sustentação da violência doméstica. As mães retratadas permanecem em vínculos permeados por agressões não apenas por questões emocionais, mas também por constrangimentos sociais — como a ausência de rede de apoio, o medo da exclusão materna fora do modelo conjugal e a esperança de transformação no comportamento do parceiro.

Dessa forma, o presente estudo não apenas reafirma a relevância das abordagens sistêmicas na compreensão dos conflitos familiares, como também aponta para a urgência de pesquisas que aprofundem os processos implicados na perpetuação desses vínculos. Além disso, ressalta-se a importância do desenvolvimento e da avaliação de estratégias interventivas interdisciplinares, capazes de ampliar o olhar sobre o sofrimento vinculado à violência doméstica. Espera-se que os achados aqui apresentados contribuam para o aprimoramento das práticas de psicólogas(os), assistentes sociais, educadoras(es), médicas(os) e demais profissionais da saúde e da proteção social, bem como para a construção de políticas públicas sensíveis às complexidades multigeracionais que permeiam as relações familiares.

REFERÊNCIAS

- Alves, E. S., & Prado, P. S. T. (2020). *Violência doméstica contra a mulher: seu impacto no desempenho escolar da criança* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas). Repositório UNESP. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/651b8274-7552-4ab8-8a8e-2ebf141f9063>
- Alves-Silva, J. D., & Scorsolini-Comin, F. (2022). A transgeracionalidade do feminino na família: Estudo de caso com três gerações de mulheres casadas. *Revista de Psicologia, 13*(2), 153–167. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologia/article/view/37333>
- Andrade, M. J. R. A., Nunes, J. F., & Lopes Júnior, H. M. P. (2024). Síndrome do ninho vazio: Impactos emocionais maternos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 10*(5), 1851–1860. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13896>
- Barroso Filho, J. (2008, 25 de março). *O perverso ciclo da violência doméstica contra a mulher... afronta a dignidade de todos nós*. Migalhas – De Peso. Migalhas. <https://www.migalhas.com.br/depeso/56674/o-perverso-ciclo-da-violencia-domestica-contra-a-mulher---afronta-a-dignidade-de-todos-nos>
- Bowen, M. (1993). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Brasil. (2006, 7 de agosto). *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Presidência da República.
- Brodski, S. K. (2010). *Abuso emocional: suas relações com autoestima, bem-estar subjetivo e estilos parentais em universitários* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Repositório Digital da UFRGS. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26809/000760983.pdf?sequence=1>
- Cerveny, C. M. O. (2019). O genograma e a linha de tempo na pesquisa qualitativa. In I. Kublikowski, E. M. S. P. Kahhale, & R. M. Tosta (Orgs.), *Pesquisas em psicologia clínica: Contexto e desafios* (pp. 35–46). EDUC.
- Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012*. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução 510 de 07 de abril de 2016*. Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html
- Correia, F., & Mota, C. P. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa: papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica, 34*(1), 15–29.

- D'Allones, C. R., Assouly-Piquet, C., Bem Slama, F., Blanchet, A., Douville, O., Giami, A., Nguyen, K.-C., Plaza, M., & Samalin-Ambroise, C. (2004). *Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: Documentos, métodos, problemas*. Casa do Psicólogo.
- Denzin, n.; lincoln, Y. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Orgs.). *O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2^a ed., pp. 15–41). Porto Artmed.
- Dornelas, K. C. A.; Garcia, A. (2006). O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, 10(2), 333–334.
- Dulius, G. T., Sudbrack, A. W., & Silveira, L. M. O. B. (2021). Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: Revisão integrativa de literatura. *Saúde em Redes*, 7(Supl. 1), 205–213.
- Ferreira, L. (2022). *Relações entre mães e filhas em contexto de violência doméstica e o impacto na diferenciação do self: Um olhar sob uma perspectiva intergeracional* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica.
- Fiorini, M. C., Müller, F. G., & Bolze, S. D. A. (2018). Diferenciação do self: Revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando Famílias*, 22(1), 146–162. <https://www.revistapensandofamilias.org.br/index.php/pensando/article/view/503>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2024). *Anuário brasileiro de segurança pública* (18^a ed.). Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Kublikowski, I. (2018). Estudo de caso e pesquisas em psicologia clínica. In R. M. S. Macedo, I. Kublikowski, & C. L. O. O. Moré (Orgs.), *Família e comunidade: Pesquisa qualitativa no contexto da família e comunidade – experiências, desafios e reflexões* (pp. 25–42). CRV.
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Mota, R. S., Santos, R. M., Pereira, A., Oliveira, J. F. (2020). Repercussões da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), 1–7. <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/55356/2/DissertaoCincias%20Forenses.pdf>.
- Martins, C. S. et al. (2007) A dinâmica familiar na visão de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(5), 889–894, 2007. <https://www.scielo.br/j/rvae/a/y8LzfQg7RbKFWFXcmzyjMnb>. Acesso em: 12 abr. 2024.
- Mello, R., Féres-Carneiro, T., Machado, R. N.; Magalhães, A. S. (2020). Inversão geracional na família: repercussões da parentalização na vida adulta. *Psicologia USP*, 31, e190126. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190126>

- Nagy, B. I., & Spark, G. M. (2017). *Lealtades Invisíveis: Reciprocidade em terapia familiar intergeracional* (2^a ed.). Amorrortu. (Original publicado em 1994).
- Neumann, A. P., Delatorre, M. Z., Maesima, G. M., Silva, P. S. da, & Wagner, A. (2023). Impactos da diferenciação do self no comprometimento e na satisfação conjugal de jovens adultos. *Revista Subjetividades*, 23(2), 1–13. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i2.e12935>
- Poalacín-Iza, E. M., & Bermúdez-Santana, D. M. (2023). Violencia psicológica, sus secuelas permanentes y la proporcionalidad de la pena. *Revista Metropolitana de Ciencias Aplicadas*, 6(2), 61–69.
- Reis, L. P. C., & Rabinovich, E. P. (2006). O fantasma da repetição e a relação mãe/filha. *Journal of Human Growth and Development*, 16(3), 39–52.
- Santos, A. C. W. D., & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220–235. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/jfJFt6zYrF4QXbzZL5cqBGS>
- Serpeloni, F., Narrog, J. A., Pickler, B., Avanci, J. Q., Assis, S. G. D., & Koebach, A. (2023). Terapia de exposição narrativa para o tratamento do transtorno de estresse pós-traumático com pessoas que passaram por violência doméstica e comunitária: Estudo de série de casos em dois centros de saúde no Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 28, 1619–1630. <https://www.scielo.br/j/csc/a/9vJcW4KXFzgdYkHZKMKVkzyD>
- Silva, A. C. D., Oro, G. Z., & Bossardi, C. N. (2021). Aspectos intergeracionais de famílias em situação de violência. *Pensando Famílias*, 25(2), 239–255.
- Silva, J. P., & Souza, M. R. (2023). Violência contra mulheres no Brasil: O efeito da Lei Maria da Penha entre 2000 e 2020. *Revista Gestão e Secretariado*, 14(8), 14012–14031.
- Sousa, M. R.; Silva, J. R. F.; Lopes Júnior, H. M. P.; Mendonça, F. C. (2024). O ciclo de ansiedade em ambiente familiar como fator desencadeador de transtornos mentais. *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências e Educação*, 10(11), 622–635. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.16504>
- Souza, R. M.; Bernardes, I. (2023). Violências Psicológicas Vivenciada por Mulheres em Relacionamentos Íntimos: Uma Revisão de Escopo. *Revista de Psicologia da IMED*, 15(2), 54–75.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Guilford Press.
- Valdanha-Ornelas, É. D., Squires, C., Barbieri, V., & Santos, M. A. D. (2021). Relações familiares na bulimia nervosa. *Psicologia em Estudo*, 26. <https://www.scielo.br/j/pe/a/SjVS7v5CTP9XbNSpHL4m3ct>

- Van der Kolk, B. (2020). *O corpo guarda as marcas: Cérebro, mente e corpo na cura do trauma*. Sextante.
- Vasconcellos, M. J. E. (2018). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência* (11^a ed.). Papirus.
- Walker, L. E. (2012). *El síndrome de la mujer maltratada*. Desclee de Brouwer.
- Watzlawick, P.; Beavin. J. H.; Jackson, D. D. (2007). *A pragmática das Relações Humanas: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. Cultrix.
- Yin, R. K. (2016). Pesquisa qualitativa do início ao fim. Penso Editora.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não há.

Financiamento: Não há

Conflitos de interesse: Não há.

Aprovação ética: A pesquisa foi realizada após aprovação ética (CAAE: 50435721.7.0000.5482), com Parecer: 4.981.336.

Disponibilidade de dados e material: Sim, sob solicitação à autora.

Contribuições dos autores: Luciana: construção do trabalho. Ida: orientação e contribuição com o texto.

Processamento e edição: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

